

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA
PARTE I – O CINEMA NO CAMPO DE BATALHA
3 e 8 de Fevereiro de 2023

MIDWAY / 1976
(A Batalha de Midway)

Um filme de Jack Smight

Realização: Jack Smight / Argumento: Donald S. Sanford / Direcção de Fotografia: Harry Stradling Jr. / Direcção Artística: Walter Tyler e John Dwyer / Música: John Williams / Som: Robert Martin e Leonard Peterson / Montagem: Robert Swink e Frank J. Urioste / Interpretação: Charlton Heston (Capitão Matt Garth), Henry Fonda (Almirante Chester Nimitz), James Coburn (Capitão Vinton Maddox), Glenn Ford (Almirante Spruance), Hal Holbrook (Rochefort), Toshiro Mifune (Almirante Isoroku Yamamoto), Robert Mitchum (Almirante Halsey), Cliff Robertson (Jessop), Robert Wagner (Blake), Robert Webber (Fletcher), James Shigeta (Almirante Nagumo), etc.

Produção: The Mirisch Corporation, para a Universal / Produtor: Walter Mirisch / Cópia digital, colorida, falada em inglês e japonês com legendagem electrónica em português / Duração: 131 minutos / Estreia em Portugal: Condes, a 27 de Julho de 1979.

Se o espectador nasceu no princípio da década de 70, é possível que tenha **Midway** como uma boa recordação de infância – que grande espectáculo tudo isto parecia, com a ajuda do Sensurround (então, uma recente invenção, estreada no **Earthquake** de 1975) que fazia as paredes e as cadeiras do Condes estremecer de alto a baixo, ecoando os rebentamentos de bombas e torpedos, ou os despenhamentos de aviões.

E, de facto, há coisas que mais vale deixar como boas recordações de infância. Um reencontro, em adulto, com **Midway**, está longe de despertar as mesmas emoções, soterradas debaixo do grande paquiderme que, sobretudo até ao começo das sequências de combate, o filme de Jack Smight é. Pode-se encontrar-lhe uma certa relevância, a dois ou três níveis. O facto de ter sido, muito provavelmente, o último sumo extraído à II Guerra Mundial como pretexto para uma superprodução espectacular – se não deixou de haver “filmes de guerra” nas décadas subsequentes, nem filmes com a II Guerra como ambiente histórico, talvez que o filão só tenha sido reactivado, como fonte para produções de elevadíssimo perfil no contexto do cinema americano (o que não foi o caso, por exemplo, do **The Big Red One** de Samuel Fuller, em 1980), nos anos 90, com o **Schindler’s List** e o **Saving Private Ryan** de Steven Spielberg. O facto de compor uma espécie de “díptico” com o **Tora! Tora! Tora!** de Richard Fleischer, estreado meia-dúzia de anos antes; o filme de Fleischer narrava a contagem decrescente para o ataque japonês a Pearl Harbour, e consequentes entrada dos EUA na guerra e abertura do “teatro do Pacífico”, enquanto o filme de Jack Smight narra um momento militarmente decisivo desse “teatro”, a batalha de Midway que, em 1942, dizimou parte substancial da armada de guerra japonesa, deixando os mares muito mais livres para as operações de “reconquista” da marinha americana. O facto, ainda, de corresponder em

pleno a um modelo de superprodução americana muito característico dos anos 70, onde o espectáculo eram tanto as catástrofes e os desastres (como no referido **Earthquake**, ou no posterior **The Towering Inferno**) como o elenco pejado de vedetas, muitas delas já “velhas glórias” de décadas anteriores (e arrumando-se já isso, diga-se que o Nimitz composto por Henry Fonda, à entrada da última meia-dúzia de anos da sua vida, é um dos prazeres que melhor resistem num visionamento contemporâneo de **Midway**).

Mas Jack Smight (1925-2003), cujo maior sucesso (e possivelmente, o mais visível filme) fora o **Harper** com Paul Newman nos anos 60, e que veio parar a Midway depois de ter dirigido outra destas típicas superproduções “catastróficas” de 70 (o **Airport 75**) era um tarefeiro estimável, mas sem grandes ideias ou algum especial talento visível. Lida francamente mal com todas as cenas preparatórias do combate, desde a frágil intriga romanesca que serve de mero “subplot” para que o filme não se limite a ser uma observação de assuntos militares às muitas reuniões nos centros de comando americano e japonês. Nestas últimas cenas, que são a maioria, repare-se no contraste: os americanos são a claridade, as salas são iluminadas, os uniformes têm cores claras, e reina toda a jovialidade do “optimismo” americano; já os japoneses são soturnos, de uniforme escuro e em ambientes nocturnos e mal iluminados – mesmo que não soubesse o desfecho da batalha, ele adivinhava-se só por esse contraste.

E depois, as cenas de batalha, retardadas até ao terço final do filme, que até passara o tempo a adiar tudo aquilo que os espectadores queriam, de facto, ver. Ainda se aguentam bastante bem, apesar da montagem caótica e desprovida de qualquer dinâmica relevante. Por um lado, vêm de um tempo em que estas coisas se faziam artesanalmente, com aviões a sério ou maquetes recriadas em estúdio, sem a batota digital que uns anos mais tarde se tornaria o *nec plus ultra* deste tipo de filmes (como já acontece no **Midway** de 2019, dirigido por Roland Emmerich). Por outro lado, têm o interesse de incluir uma boa porção de planos da verdadeira batalha, muitos deles filmados por John Ford em **The Battle of Midway**, um dos vários documentários de guerra que dirigiu durante o conflito – e curiosamente, um dos narradores desse filme era Henry Fonda, pelo que a sua presença no elenco do filme de Smight acaba por ter algum simbolismo.

Luís Miguel Oliveira